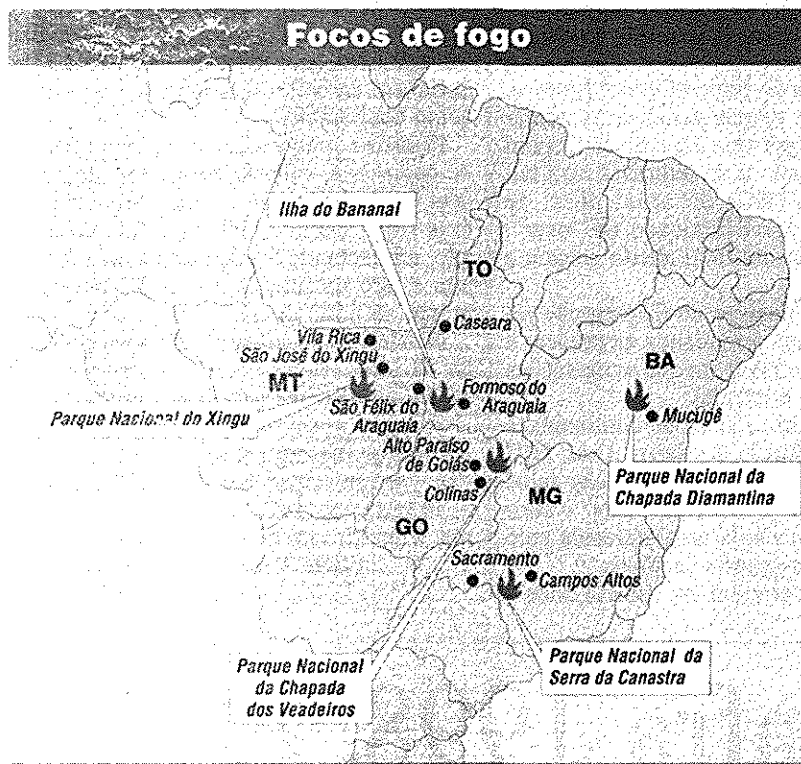


1º/9/98 A-4

Fogo alastra-se e alcança Parque do Xingu

Em junho, o Ibama recebeu um estudo que apontava uma área total vulnerável ao fogo próxima de 430 mil km² de mata fechada



Fonte: Ibama

Regina Scharf, Roberta Lippi, Mauro Zanatta e Camila Bini de São Paulo, Brasília e Cuiabá

O fazendeiro Carlito Guimarães, de São José do Xingu (MT), perdeu 100 cabeças de gado e teve duas fazendas de pastagens praticamente destruídas pelo fogo. Agora ele está preocupado em não perder as outras sete. E com razão: pelas estimativas da Federação da Agricultura do Estado do Mato Grosso, de 2.300 a 2.800 cabeças de gado morreram queimadas e 70% dos pastos do Baixo Araguaia — 1,5 milhão de hectares — já estariam destruídos. A região, localizada a 870 quilômetros a leste de Cuiabá, tem o segundo maior rebanho de corte do estado, cerca de 3 milhões de cabeças.

Os focos de incêndio extrapolaram, ontem, os limites da Amazônia — sobretudo Tocantins, norte de Mato Grosso, Goiás e sul do Maranhão —, e alcançaram os parques nacionais da Serra da Canastra (MG) e Chapada Diamantina (BA), e também o sul do Pará. Os primei-

ros informes sobre o fogo começaram em julho, mas a situação agravou-se muito nos últimos 20 dias.

No Mato Grosso, onde a situação é mais crítica, as cidades mais afetadas são Alto da Boa Vista, São José do Xingu, Porto Alegre do Norte, Cana Brava do Norte, Confresa, Vila Rica e São Félix do Araguaia.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) diz que forças-tarefas compostas por técnicos federais e estaduais conseguiram controlar o fogo, mas só na Serra da Canastra.

Até ontem, apenas quatro oficiais do Corpo de Bombeiros de Cuiabá estavam na região do Baixo Aragãndio. O primeiro reforço chegou no final da tarde: um avião Búfalo, com 30 soldados do Corpo de Bombeiros — equipados com abafadores.

“O equipamento deles é mais ru-

dimentar do que o nosso”, disse Guimarães, que preside a Associação dos Fazendeiros do Araguaia e do Xingu (Asfax). “Não deixa de ser uma ajuda, mas o que nos animou mesmo foi a mudança do clima”. Segundo ele, ontem os ventos diminuíram e havia ameaças de chuva.

Um grupo de 40 bombeiros partiu ontem de Brasília em aviões da Força Aérea Brasileira (FAB) para ajudar os voluntários no combate aos focos de incêndio.

“Calculamos que foram destruídas pastagens suficientes para sustentar 120 mil cabeças de gado”, disse Domingos Iglesias Valério, coordenador de Defesa Civil do Mato Grosso. Na tarde de ontem, o incêndio já havia coberto cerca de 90 quilômetros de extensão e já atingia a mata do Parque Indígena do Xingu.

O avanço do fogo — da ordem de

15 quilômetros diários — reduziu seu ritmo, sobretudo por um pequeno aumento da umidade na região. Romildo Gonçalves, coordenador estadual do Sistema Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (PrevFogo), disse que, em três meses de seca, Mato Grosso tem 48,1% no total de incêndios florestais detectados pelo Ibama no País.

Para combatê-los, segundo Gonçalves, seria preciso ao menos 300 homens, mas o PrevFogo tem só 50 fiscais de campo. A meta de treinar dez Brigadas Voluntárias fracassou. Apenas uma brigada, em Alta Floresta, foi capacitada.

Cerca de 350 moradores do Baixo Araguaia estão passando dia e noite fazendo aceiros e contra-fogo para tentar controlar o incêndio. “Que Ibama, minha filha? Nem Ibama, nem bombeiro, nem nada! O Ibama só veio aqui para dar licença para mais queimadas”, disse Fernando do Nascimento Tulha, um dos fazendeiros da região. O fogo queimou 20% dos 10 mil hectares de sua fazenda, destruindo cercas, barracos e porteiros. “Nem conseguimos pensar em prejuízos ainda. Dou graças a Deus pelo que sobrou”, afirmou.

Cerca de 350 moradores do Baixo Araguaia passam dia e noite fazendo aceiros e contra-fogo para controlar o incêndio

10/9/98
289
A4 cont

“Neste fim-de-semana, minha diversão foi apagar fogo”, disse Ângelo Belém Neto, presidente do Sindicato Rural de São Félix do Araguaia. Sua região não foi das mais afetadas, porque muitos pecuaristas abriram, com antecedência, aceiros em suas propriedades. “A maioria foi precavida e ficou de prontidão, mas nosso problema só se resolveria com duas horas de chuva”.

O Ibama coordena as ações de 60 bombeiros nessa região, mas admite dificuldades. “Não existe força nesse mundo capaz de evitar um incêndio florestal”, diz Giovanni Cornacchia, gerente de combate a incêndios florestais do Ibama.

Na Chapada dos Veadeiros (GO), a 250 km de Brasília, outros 100 bombeiros e especialistas do Ibama trabalham dia e noite no combate ao fogo. Na Chapada Diamantina, sobrevoos do Instituto Estadual de Florestas identificou novos focos dentro do parque e os técnicos do governo federal estão traçando estratégias de combate aos incêndios.

O pânico causado agora pelo fogo poderia ter sido minorado. Em junho, o Ibama recebeu um minucioso estudo sobre a reserva de água nos solos da região feito pela ONG Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam). O relatório apontava uma área total vulnerável ao fogo próxima de 430 mil km² de mata fechada. Pelo menos 215 mil km² — área maior que o estado do Paraná — foram classificados como de “altíssimo risco” até o final do mês de novembro, o auge da estação seca.

Da região ameaçada, segundo o estudo, 13% estavam no Mato Grosso, 8% no Amazonas, 6% em Rondônia e 15% entre Acre, Maranhão, Amapá, Roraima e Goiás.

Investimento teria reduzido os prejuízos

Com algum investimento por parte dos produtores rurais e a adoção de uma agropecuária mais intensiva, os prejuízos dos incêndios poderiam ser muito reduzido. A análise é de Adriana Moreira, presidente do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam).

“No curto prazo, os incêndios acidentais podem ser controlados pela construção de aceiros, pelo monitoramento das mudanças climáticas e por uma maior comunicação entre vizinhos”, afirma.

Levantamento realizado pela organização indica que a construção de aceiros — trincheiras para impedir a expansão do fogo — consome, em média, de 2% a 5% dos lucros gerados pelas pastagens. Em pequenas propriedades, com até 100 hectares, o investimento seria da ordem de R\$ 94 ao ano, mas em glebas com mais de 5 mil hectares o investimento poderia chegar a R\$ 7 mil anuais. “Em anos comuns, a simples construção dos aceiros costuma bastar, embora em anos excepcionais, como este, não seja suficiente.”

As perdas anuais associadas com a destruição de cercas e os dias que o gado deixa de pastar representam desde R\$ 105 ao ano, para pequenos proprietários, até R\$ 20 mil anuais. Para a pesquisadora, o combate às queimadas passaria por um longo trabalho de substituição das técnicas agropecuárias e florestais atuais, amigas do fogo, por sistemas de produção mais intensivos.

(R.S.)